

A brasilidade de

Walter Firmo

Instagram

O trabalho de
Eneida Serrano

Intersecções entre
fotografia e literatura

Os Viajantes nos
Campos Neutrais

Viajantes da Câmera

A IMAGEM REVISTA

Edição 6 | Ano 2 | Setembro de 2013

O PRAZER EM FOTOGRAFAR...



Foto de Vera Carlotto



Fotógrafa e artista visual. Na década de 80, como atriz e produtora, transitou pelo teatro, cinema e em comerciais de televisão. Nos anos 90, morando em Londres, dedicou-se à escultura tendo estudado na Richmond Adult & Community College London. Nos anos 2000 mergulhou definitivamente na arte da fotografia. Em 2011 e 2012 sua mostra fotográfica, "PortOnírico" homenagem a Porto Alegre, circulou pela cidade e esteve na sala JB Scalco no Solar dos Câmara. Estudou no Núcleo de Fotografia na FABICO-UFRGS e aperfeiçoou a sua técnica na Escola de Imagem Câmera Viajante onde ministra aula de Fotografia Digital I; Fotografia Profissional; Composição Fotográfica e Retratos - Logística do Retrato e Direção de Modelo.



**câmera
viajante**
escola de imagem

A fotografia pode ser poesia?

Quem pode nos confirmar essa indagação é o fotógrafo e poeta Walter Firmo, nosso convidado especial desta edição. Ao apreciar suas fotos - coloridas com paixão e beleza - percebe-se também a forte poética visual existente em suas imagens. Firmo, com sua experiência de tantos anos, é uma referência no mundo da fotografia mundial. Deleite-se em suas imagens a partir da capa até o perfil sobre sua trajetória.

Outra reportagem com destaque é a que apresenta o trabalho de Eneida Serrano. A fotógrafa fala de sua experiência em fotografar manipulando/expondo suas fotos no Instagram. Além disso, Eneida é pesquisadora da história da fotografia porto-alegrense, e conta um pouco sobre a confecção de seus estudos, com os fotógrafos Lunara e Sioma Breitman.

Apresentamos também o conto da psicóloga Vivian Smith, que fala sobre a relação de uma mãe cega com sua filha - que são seus olhos para o mundo exterior e a solução de conforto encontrada pela filha após a morte da mãe. Em uma intersecção de fotografia e literatura.

Nossos professores também têm forte presença nesta revista. Vera Carlotto está no perfil, com sua experiência artística em Londres. Bruno Gomes fala sobre as possibilidades criativas do uso do flash remoto que qualifica a fotografia de eventos. Fabiano Scholl faz uma avaliação técnica de uma "pet photo" ou fotografia de animais de estimação. E, para finalizar, nossa professora e cineasta Tiemy Saito fala da técnica muito explorada a partir do surgimento das câmeras digitais, o "Stop Motion";

Então aproveite esta sexta edição da Viajantes da Câmera - A imagem revista, uma publicação trimestral da Escola de Imagem Câmera Viajante.

Bom proveito!

Rogério do Amaral Ribeiro
Editor



Milton Montenegro

8 - PERFIL
Walter Firmo e a cultura brasileira



Chou Tsing Sung

21 - VIAJANTES DA CÂMERA
Passeios pelos Campos Neutrais

- 06** - Dica do Professor - Flash Remoto
- 14** - Clic Legal - A construção do contrato
- 28** - Intersecções - Fotografia e Literatura
- 30** - Retrato
- 34** - Análise do professor
- 35** - Arte e Foto
- 36** - Cinema - Stop Motion
- 38** - Agenda

Tiemy Saito



16 - ESPECIAL
O trabalho de Eneida Serrano

Expediente

Publicação Câmera Viajante - Escola de Fotografia e Cinema
Diretores Karla Nyland, Gerson Turelly, João Miguel Lanita e Rogério do Amaral Ribeiro
Redação, diagramação e editoração Fernanda Nascimento - MTB 16317
Revisão Clareana Kunzler Ferreira - MTB 15917
Arte Tiemy Saito
Capa Walter Firmo
Periodicidade Trimestral
Edição 06 / Setembro de 2013
Endereço Pinheiro Machado, 259 - Independência - Porto Alegre
Telefone (51) 30120421
Site www.cameraviajante.com.br
E-mail viajante@cameraviajante.com.br

A luz do flash remoto

Por Bruno Gomes

- Não, eu não uso flash.
- Por quê?
- Porque a luz do flash é feia.

Qual fotógrafo nunca ouviu, participou ou, até mesmo, protagonizou um diálogo assim? Tanto na fotografia amadora quanto na profissional, é comum notarmos uma certa resistência ao uso do flash. De tempos em tempos, surgem ondas de rejeição a esse tipo de luz, ao mesmo tempo em que se exalta a beleza e os benefícios estéticos da luz ambiente, contínua.

Mas o que está por trás disso? O que motiva essa rejeição?

Geralmente, quando se fala em fotografia com flash, a referência que vem à mente é o flash interno da câmera ou o flash externo encaixado na sapata e apontado diretamente para o assunto a ser fotografado. Ou seja, o flash usado como luz direta. E é aí que está o problema, ou melhor, a origem dessa resistência.

A luz direta, em fotografia, é a pior luz possível. Salvo em raríssimos casos, é uma luz feia, que prejudica a estética da imagem e lhe confere uma aparência, digamos, estranha. Tira volume e texturas, prejudicando assim a apreciação do objeto fotografado. Além disso, a luz direta é uma luz que "grita" na foto, sua presença nunca passa despercebida. Quando utilizada em retratos, por exemplo, confere uma aparência da pessoa fotografada com a qual não estamos acostumados. Isso por um motivo muito simples: nós não enxergamos o mundo com luz direta. Geralmente,



Fotos Bruno Gomes

O problema do flash é utilizá-lo como luz direta, que é a pior possível para a fotografia



Nem sempre o flash é uma má opção. Com o flash remoto, por exemplo, se pode simular iluminações para ter resultados mais interessantes

os rostos das pessoas que conhecemos são iluminados por luz que vem de cima, seja pela incidência do Sol ou pela disposição das lâmpadas, por exemplo. Os contornos que costumamos ver são desenhados por uma luz que os destaca principalmente pelo jogo de luz e sombras que se forma a partir da incidência maior ou menor em certas partes do rosto.

Na realidade, o que está em jogo aqui não é se o fotógrafo prefere luz de flash ou luz contínua. O que está em jogo é a posição da luz, o ângulo em que ela ilumina o assunto fotografado. Se tirarmos o flash da sapata e colocarmos um iluminador de led - pra citarmos a luz "queridinha" do momento como exemplo - em seu lugar, o resultado será muito semelhante e os problemas estéticos, os mesmos. É justamente aí que entra o flash remoto. Flash remoto se refere ao ato de acionarmos o flash fora da sapata da câmera, ou seja, de comandarmos seu disparo de forma remota. Com isso, temos a liberdade de usar a luz do flash para desenhar o objeto de formas muito distintas

do desenho feito pela luz direta e, com isso, temos acesso a resultados totalmente diferentes e muito mais interessantes. Podemos utilizar um posicionamento lateral do flash para realçarmos texturas, uma luz de cima para conferir a sensação de volume, um contra-luz para explorar o flare ou simular uma luz de espetáculo, por exemplo.

Com estudo e muita prática, o flash remoto dá independência ao fotógrafo. Podemos simular a luz do sol, luz de DJ, luz de cena. Podemos fazer inclusive uma composição com vários flashes e reproduzir esquemas de iluminação mais complexos utilizados em estúdio estando na rua, na praia ou em um parque. E isso tudo de maneira prática e com uma estrutura de equipamentos que cabem em uma mochila comum de fotografia.

Então, quer escapar daquela luz fraca do salão de festas? Quer ter a estética da luz do Sol em um dia nublado? Quer destacar a textura daquela peça de decoração milimetricamente talhada? Quer fugir definitivamente da luz direta? Invista no flash remoto.

Walter Firmo, o grande

Milton Montenegro



Por Fernanda Nascimento

O fotógrafo da cultura brasileira. Dentre tantos títulos que os mais de 55 anos de profissão deram a Walter Firmo, o de profissional que mais retratou a diversidade brasileira talvez seja o mais adequado. Jornalista e professor, o fluminense Firmo iniciou sua trajetória com apenas 20 anos, no Jornal Última Hora. Com passagem pelo Jornal do Brasil, revista Realidade, Manchete, Veja, IstoÉ e Caros Amigos, viajou pelo interior do Brasil e conheceu o mundo.

De seu trabalho saltam cores intensas, que vêm da Amazônia, do México, do sertão, de Cuba e de tantos outros lugares. O reconhecimento pelo trabalho veio através de prêmios e virou referência mundial quando, em 1971, a Enciclopédia Britânica citou seu nome no verbete sobre fotografia. O jornalismo lhe abriu portas e seu trabalho se expandiu para a publicidade e para a academia, onde se

tornou professor e palestrante. Walter expôs seu trabalho em diversos locais, continua preenchendo galerias, telas e páginas de fotografias.

Nesta entrevista para a **Viajantes da Câmera – A imagem revista**, ele conta um pouco dos próximos planos, fala de sua inspiração para continuar fotografando e nos mostra, um pouquinho, de sua extensa obra.

Câmera Viajante – Após mais de 50 anos, o que te motiva a continuar fotografando? O que estimula teu olhar?

Walter Firmo – A fotografia é o meu viver. Acredito que se não fosse ela, jamais teria uma cara assim tão limpa, jovial ainda, porque ela me dá prazer, tonificação e fonte de juventude. Além disso, me conforta emocionalmente porque quando tenho um problema existencial é sempre ela que me resolve e afaga voltado-me à tranquilidade. Quanto à estimulação do meu olhar, é questão de descobrimento, a cada dia quero sempre mais. E, é na fotogra-

Fotos Walter Firmo



fia que me descubro a cada dia.

CV – O folclore continua sendo uma fonte de estímulo para teu trabalho?

Firmo – Sim. Mas não com toda aquela desenvoltura onde já bebi de sua preciosa fonte. O verdadeiro artista estará sempre insatisfeito e no meu caso procuro me adequar às novidades singrando caminhos. Às vezes, volto ao local do crime e aí me sintonizo de novo com uma nova festa ali, outra acolá.

CV – Tu participaste da transição do analógico para o digital. Como vê a disseminação massiva de novas tecnologias que permitem fotografar com equipamentos menos sofisticados?

Firmo – No fundo, é tudo a mesma coisa, porque o que está atrás de qualquer câmera é um homem que sofre, ama e vê. Isto quer dizer que uma máquina por si só jamais fotografaria sozinha. Agora tem um porém, esta quantidade de fotografos amadores que vemos hoje, envergando todos os tipos de engenhos, não significam nada, porque eles são inocentes, só querem a quantidade e não a qualidade.

CV – Se tivesse que citar um trabalho como o mais importante da tua carreira qual seria?

Firmo – Muita gente adora a foto do Pixinguinha sentado na sua cadeira de balanço. Eu, como criador e geminiano, sou um pai de muitos filhos diferentes entre si, posso estar no folclore, na política, na intuição, na metalinguagem, no surrealismo e em outros processos que envolvem a criatividade.

CV – Qual a maior influência?

Firmo – Tive várias. Aqui no Brasil, José Medeiros e David Zingg. No exterior, Ernest Hass e outros como Bresson, Doisneau, Kertesz, Atget, Lartigue e alguns outros que



Walter Firmo é reconhecido como o profissional que mais retratou a diversidade brasileira

esqueço agora.

CV – Quais teus planos profissionais para o futuro?

Firmo – Famílias negras brasileira, polígono das secas, Amazônia,

produções vindouras e naturais. Estou escrevendo um livro autobiográfico e sendo filmado para uma película que se chamará “Fotografei o perfume”.





Não esqueça de fazer o contrato!

Por Eduardo Scaravaglione

O contrato pode ser definido como um negócio jurídico que resulta do acordo de vontades das partes envolvidas após breve análise e discussão de suas cláusulas. É um acordo de vontades que tem como finalidade produzir efeitos jurídicos.

Por essa razão, é importante que se faça sempre o contrato na forma escrita, pois em caso de dúvida você terá como provar o que ficou regrado. Dessa forma, sempre temos que ter em mente que o contrato, após assinado, acaba criando um vínculo entre os contratantes, uma relação de obrigação entre as partes.

Regra geral, nas palestras sobre Direito Autoral e Direito de Imagem, aplicados à atividade do fotógrafo, sempre surge o questionamento de como se pode obter um modelo de contrato que atenda a todas as necessidades do profissional da fotografia.

O que o profissional da fotografia deve saber é que “modelos” existem aos montes na internet. Uns bons, outros razoáveis e outros tantos péssimos. Assim, para se evitar qualquer equívoco ou uso indevido desse ou daquele modelo que não atenda às nossas necessidades, podemos, por meio de algumas regras, construir o(s) nosso(s) próprio(s) modelo(s) de contrato(s).

No entanto, é importante nunca se esquecer de que em certos casos temos que ser mais profissionais, ou seja, uma consulta

Itens imprescindíveis na construção do contrato

- ✓ Qual a prestação de serviços que será regradada: casamento, aniversário infantil, fotografia de uma modelo, etc. Nesses casos, sempre que houver divulgação da imagem de terceiros e como você pretende divulgar o seu trabalho (a propaganda é a alma do negócio, lembra?), nunca se esqueça da licença do uso de imagem (a conhecida LUI). Em casos de utilização da imagem de menor nunca se esqueça que essa deve ser precedida de autorização do representante legal.
- ✓ Onde e quando os serviços serão realizados?
- ✓ Quem realizará os serviços? O fotógrafo contratado ou um assistente?
- ✓ Quantas horas o Fotógrafo ficará à disposição dos clientes?
- ✓ Quais os equipamentos que serão utilizados?
- ✓ Qual o valor dos serviços prestados?
- ✓ Como será a forma de pagamento?
- ✓ Qual o prazo de entrega?
- ✓ De que forma serão entregues as fotos? Impressas? Qual suporte? Em que resolução?
- ✓ Colocar a obrigatoriedade do cliente, sempre que postar as fotos em alguma mídia, de dar o crédito (nome, direito moral) ao fotógrafo.
- ✓ Esclarecer ao cliente a necessidade de você ter a possibilidade de divulgar as imagens (é o seu trabalho) neste ou naquele tipo de mídia (internet, “portfólio”, CDs, DVD’s, anúncios em jornais, revistas, etc). Importante que a licença abranja todo o suporte onde você pretende divulgar o seu trabalho.

com um profissional da área do Direito, em caso de dúvida ou situação mais difícil, pode ser fundamental para fecharmos um bom negócio.

Para se fazer um contrato, devemos ter ciência que o mesmo deve ser redigido de acordo com as necessidades de ambas as partes, visando sempre o caso em concreto. Dessa forma, além dos requisitos que podem ser es-

senciais a um contrato (exigências legais, por exemplo, que veremos na segunda parte desse artigo), você sempre deve colocar a situação fática a ser regradada no papel e discuti-la com o seu cliente para que o mesmo tenha plena ciência do que está sendo proposto.

E nunca se esqueça: os contratos, regra geral, devem ser claros e objetivos, devendo abranger todo o negócio jurídico que for estabelecido, não deixando brechas para possíveis confusões. No próximo artigo falaremos dos requisitos de validade e das exigências legais que certos negócios necessitam. Até lá!



VENHA EXPOR SUAS FOTOS NA ARGENTUM

Primeira galeria de foto arte do Sul

A Galeria

Mais do que oferecer um espaço a profissionais reconhecidos e novos talentos da fotografia, a **Argentum Foto Arte Galeria**, é um ponto de encontro entre pessoas que admiram a “Fine Art Photography” e artistas que desejam expor e colocar a venda suas obras.

Venha fazer parte da **Galeria Argentum** e tenha a oportunidade de expor suas fotos na “Primeira Galeria Foto Arte” do sul do país.

Nosso Endereço

Rua 24 de outubro, 507 conj. 101
Moinhos de Vento - Porto Alegre - RS
(51) 3085-0839

Segunda a Sexta-feira: das 10h às 18h
Sábados: das 9h às 13h

O Instagram e Eneida

Fotos Eneida Serrano

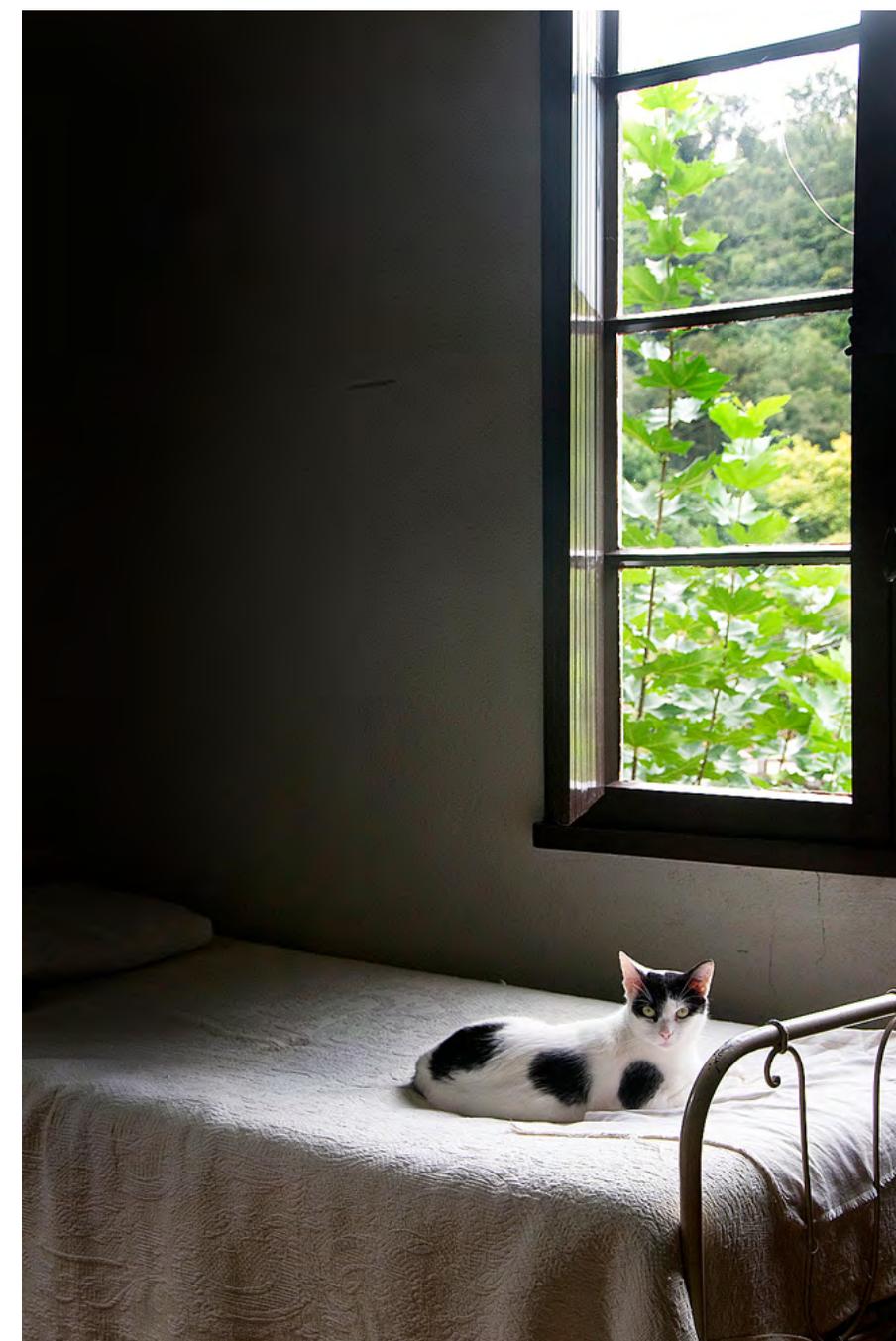


O compartilhamento de imagens através do aplicativo Instagram invadiu os celulares e, recentemente, os computadores pelo mundo. Fotografar e aplicar filtros se tornou uma febre entre amantes das imagens. E se fotografa muito. Mas ao contrário do que um olhar desapercibido pode presumir, o Instagram não é utilizado apenas por fotógrafos considerados “amadores”, como uma forma de experimentação. Eneida Serrano, uma das fotógrafas mais consagradas do Brasil, está entre as grandes entusiastas da fotografia através dos dispositivos móveis.

Após décadas de trabalho intenso, em diversas publicações nacionais e na própria empresa, a profissional afirma que está em um momento de “valorizar mais o olhar, ao invés da sofisticação e da tecnologia”. “Apesar de ter tido sempre muito rigor técnico, me começou a ficar pesada aquela bolsa, a obrigação de levar não sei quantas lentes e filtros. É tudo muito bonito, adorava o ambiente de laboratório analógico, adoro hoje a pós-produtos do digital. Mas o celular te dá uma liberdade”, afirma.

Com mais de 12 milhões de usuários em todo o mundo, o Instagram permite fotografar e instantaneamente compartilhar a imagem, com ou sem filtros. Para Eneida, o desprendimento do celular é também um exercício de vida. “Passei a fotografar muito mais, porque a fotografia ficou uma coisa mais próxima, divertida. É uma metáfora, porque é um exercício de fazer o melhor possível dentro da limitação que tenho. E é só o telefone que tenho em mãos”, explica.

Eneida fotografa coisas novas, seu olhar não se prende a nada específico e vai contando as histórias que vê, que lhe comovem. “Não tenho tema pré-determinado, meu telefone me acom-



Tendo apenas o celular na mão, o desafio é fazer o melhor possível dentro das limitações

panha, vou fotografando tudo que vejo que posso transformar em imagem. Se torna uma meta, a do livre exercício”. E como ela mesma diz, tudo pode ser “visto, revisto, transvisto” e os antigos trabalhos são revisados. Um dos mais importantes, sobre o interior das casas – que se tornou exposição e livro – está novamente sob os seus olhos. Algumas destas imagens, novas e antigas se misturam nas próximas páginas da **Viajantes da Câmera – A imagem revista**.



Fotografia e pesquisa

O envolvimento de Eneida Serrano com a fotografia extrapola o registro de imagens. Ela também é pesquisadora e atualmente realiza o resgate dos trabalhos de Sioma Breitmann – fotógrafo brasileiro da primeira metade do século XX. “Era uma pessoa muito ativa e espalhou um trabalho muito grande, ao longo de três ou quatro décadas. Resolvi recuperar o trabalho, com o projeto de fazer um livro, uma exposição e também um curta-metragem”, explica.

Breitmann costumava assinar as fotografias de casamentos, formaturas, aniversários e demais eventos que realizava. A partir desta informação, Eneida publicou um pedido, em um jornal, para que as pessoas que tivessem fotos assinadas pelo fotógrafo entrassem em contato. “É um trabalho super emocionante. Tenho colhido e gravado depoimentos super ricos em que as pessoas confirmam que a fotografia é uma coisa viva, que estas imagens têm lugar de destaque na casa delas, das histórias de vidas delas. A fotografia é o ponto de partida da memória e tudo que gira em torno daquela cena”, afirma.

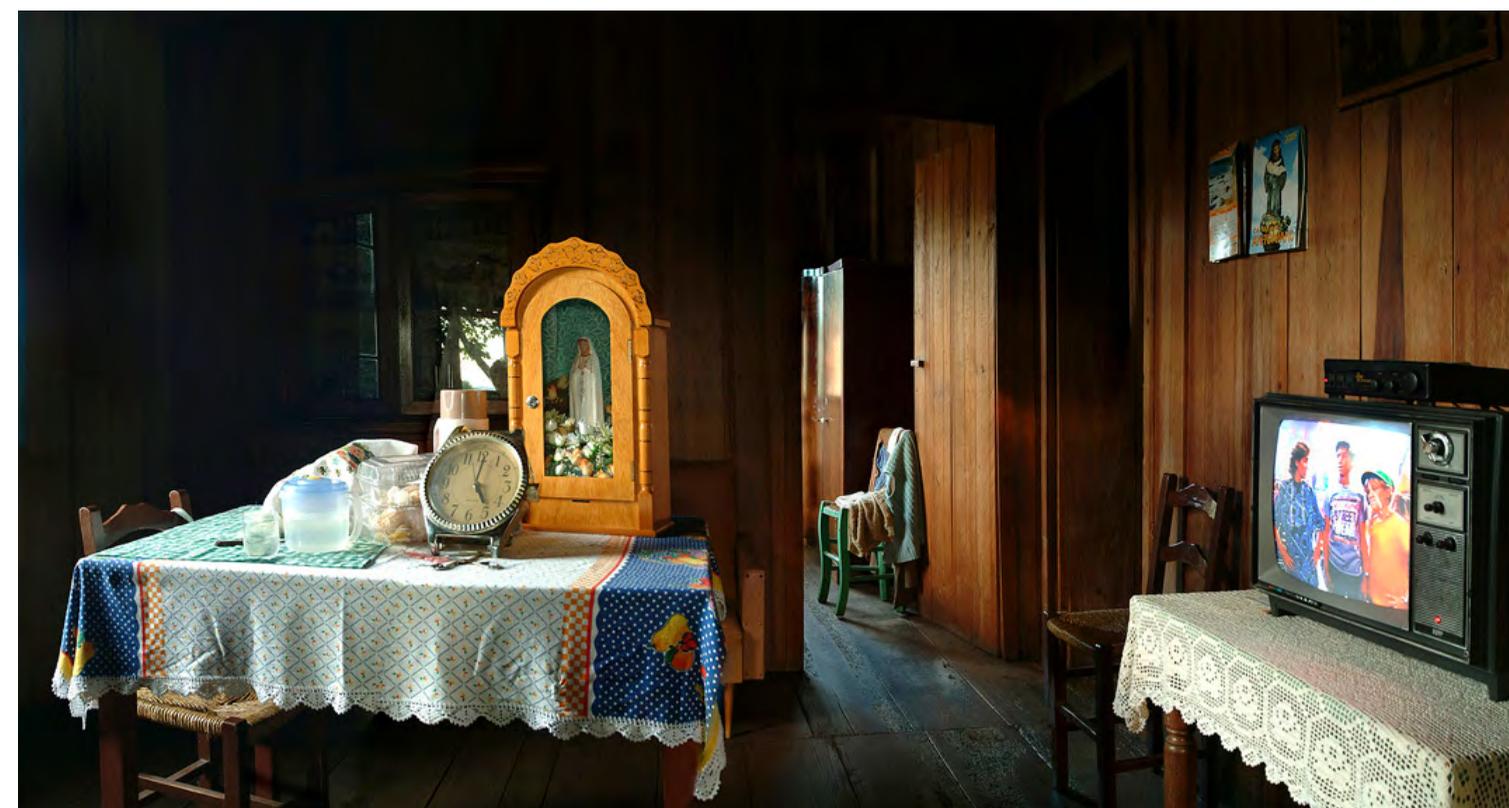
Esta não é a primeira pesquisa realizada por Eneida, em 2001 a fotografa publicou a obra Lunara Amador 1900, resultado de mais de 30 anos de pesquisa sobre Luis Nascimento Ramos, fotógrafo dos anos de 1910, conhecido como Lunara.



Assista a entrevista com Eneida Serrano.
<https://vimeo.com/75253034>



Conheça mais do trabalho de Eneida Serrano no Instagram.
<http://instagram.com/eneidaserrano>



Além de exercitar novos olhares, Eneida revisita antigos trabalhos, como por exemplo o sobre o interior das casas - que se tornou exposição e livro



Foto: JM Lanita

Foto: JM Lanita

Foto: Karla Nyland

Foto: Karla Nyland

Foto: JM Lanita



Nos Campos Neutrais

A linha territorial tênue que divide Brasil e Uruguai é repleta de belezas naturais, construções antigas e histórias. Nesta edição da Viajantes da Câmera - A imagem revista selecionamos imagens dos viajantes durante passeios de turismo fotográfico na região dos Campos Neutrais, realizadas entre 2007 e 2010. Registradas no Chui, Chuy, Lagoa Mirim,

Fortes Portugueses, Santa Vitória do Palmar e Barra do Chuí, as imagens revelam olhares diversos e a simplicidade de um local distante dos grandes centros urbanos e preservado por visitantes e moradores. Os Campos Neutrais, ou "Terra de Ninguém", é um espaço para todos exercitarem a imaginação diante do belo cenário.

RINCÃO GAIA

Fotografia Ambiental & Macrofotografia

Dias 02 e 03 de Novembro

Informações:

(51) 3012-0421 / 3061-2898 / 8459-5619

ou viajante@cameraviajante.com.br

www.cameraviajante.com.br

Carla Bacedo



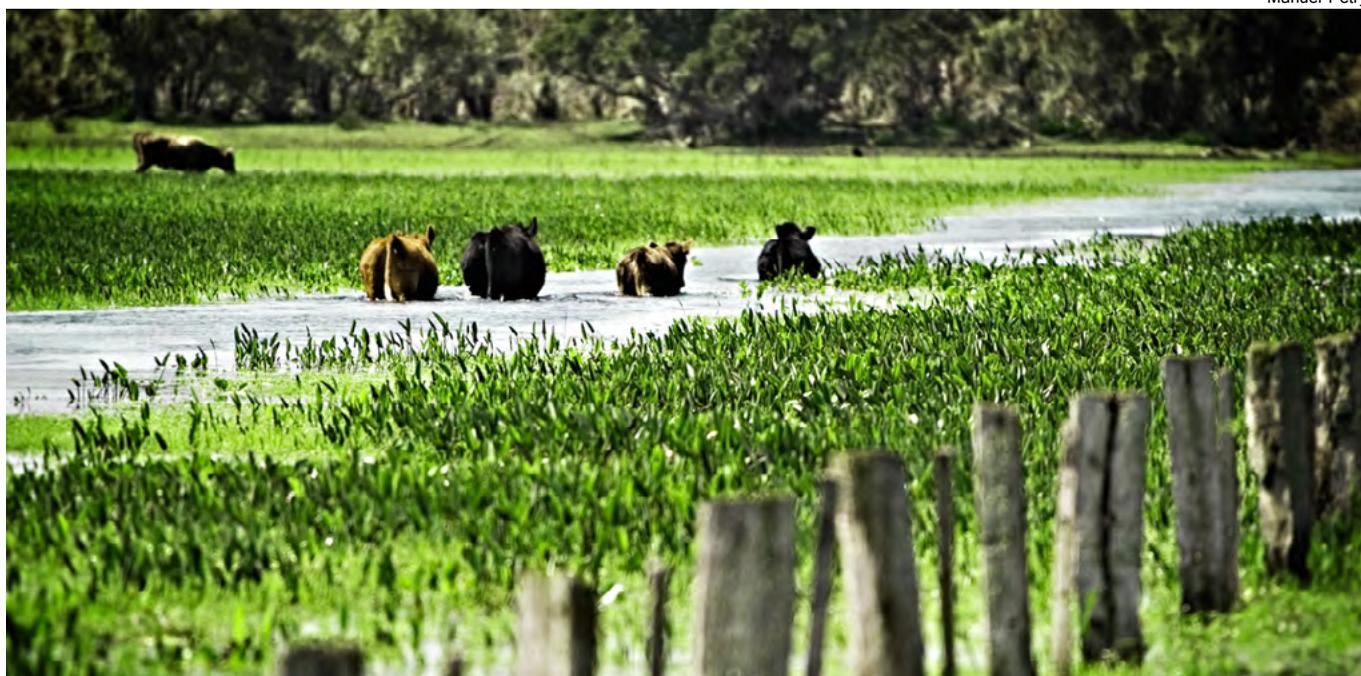
Gerson Turelly



Silvana Bohrer



Manuel Petry



Ena Lautert



Jamaica Santarém





Filippo Di Santos Júnior



Betina Tabajaski



Carmen Kosachenco



Chou Tsing Sung

Izilda Solto



Roberto Filho



Lamessias



Hilton Lebarbenchon



Elizabeth Schefer

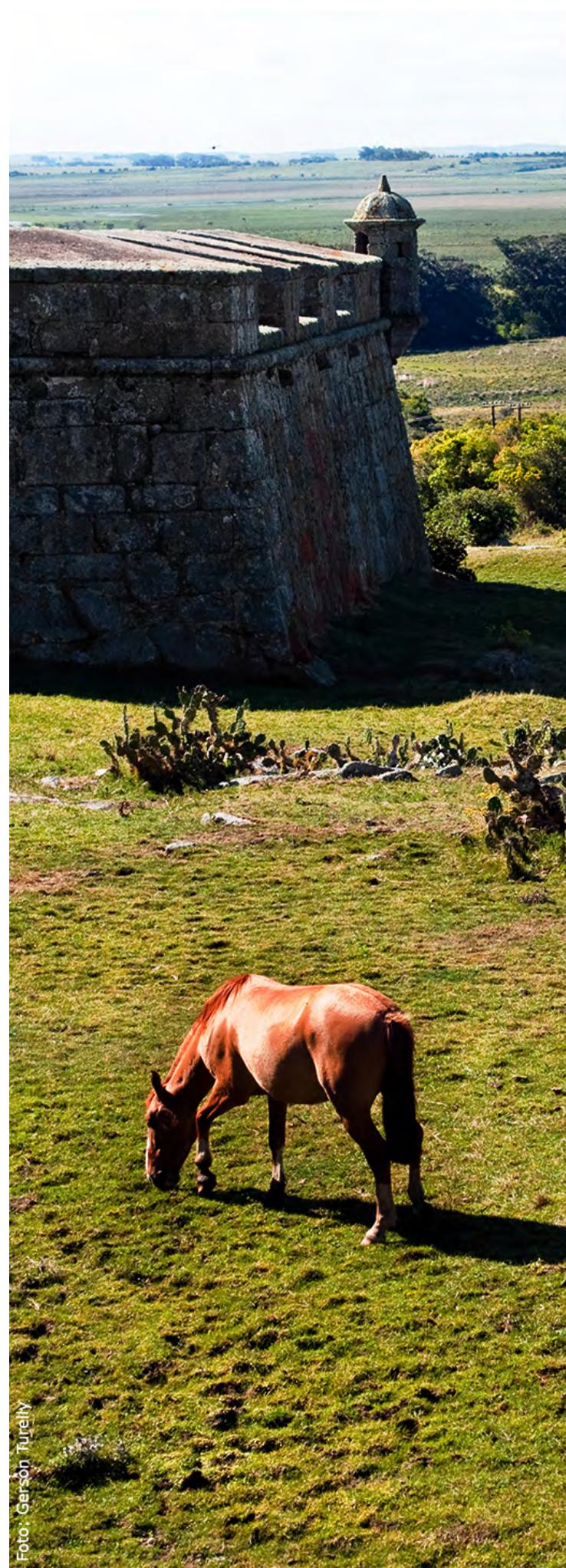


Foto: Gerson Turelly

CAMPOS NEUTRAIS

Fronteira Brasil e Uruguai

15, 16 e 17 de Novembro

Informações:
(51) 3012-0421 / 3061-2898 / 8459-5619
ou viajante@cameraviajante.com.br



Fotos Tiemy Saito



Ela, que tanto olhava

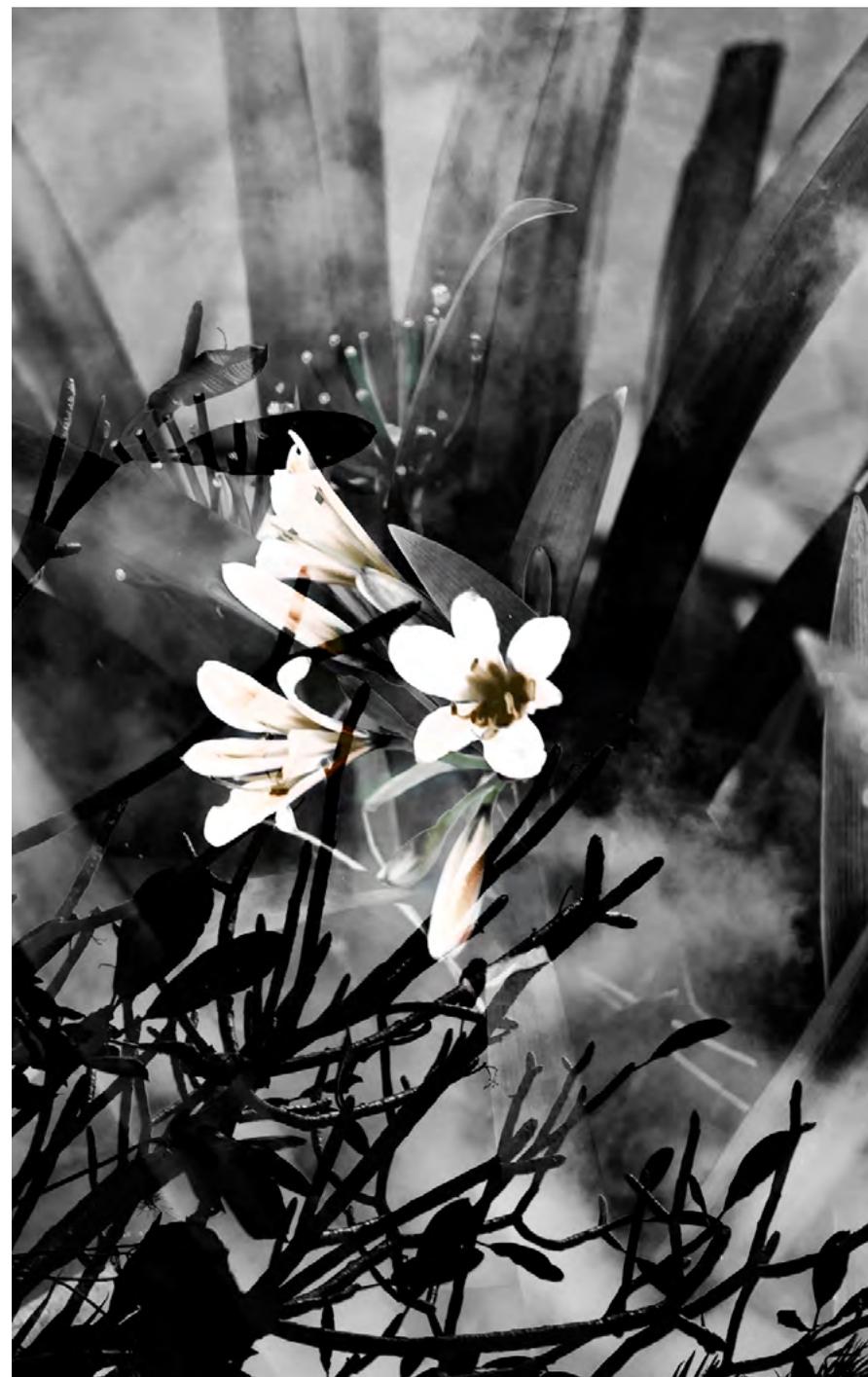
Por Vivian Hamann Smith

Mariana era os olhos da mãe. Não pela semelhança na cor ou formato, ou sequer da expressão, mas pela função de guiá-la e descrever o mundo de formas, cores, movimentos que a mãe há anos já não diferenciava da escuridão. O diabetes avançara silenciosamente e sem assistência, por baixo da dedicação daquela senhora viúva aos cinco filhos, da negligência à sua própria saúde e necessidades. Corroeu discretamente sua retina em meio à rotineira correria de fazer doces para vender. Mariana era a terceira,

já cuidava dos mais novos, as mais velhas arrumaram serviço e namorado, ela arrumava a casa e dava um jeito de diminuir o desespero da mãe, sempre tão ativa, agora perdida num universo de sons e dependência.

Mariana na janela, a olhar. E a narrar à mãe com detalhes o futebol dos moleques no campinho, o vai-e-vem dos vizinhos, a compostura das irmãs namorando no portão, o que o caminhão do verdureiro trazia, as brigas de cachorros, a floração das árvores do pomar e as primeiras frutas, as nuvens carregadas de chuva relampeando no horizonte, as luzes

da cidade a piscar para ela ao longe. Enfeitava a descrição, conduzia a imaginação da mãe para um certo galho seco caído que ganhava raios dourados, para a expressão de saudade surpreendida no rosto da vizinha tão durona que perdera o filho, para o frágil equilíbrio da formiga a transportar uma folha três vezes maior que ela. A mãe se animou um dia a sair para um passeio, ela a escutar muito mais que antes, Mariana a olhar ainda mais e a ouvir o que a mãe descrevia. O canto do sabiá, do quero-quero, da corruíra, a voz das filhas, genros, meninos, dos velhos amigos e conhecidos, tons



agudos, graves, esganiçados, secos, emocionados, desanimados. A voz do vento, o sussurrar das folhas, o rumor do riacho, ou de um estômago faminto. O mundo de sons brilhou integrado às pinceladas visuais que a filha com-

punha para ela.

Algumas cenas Mariana ocultava da mãe. Os excessos das irmãs no namoro no sofá, os gestos obscenos dos manos adolescentes, o gato atropelado perto de casa, o olho roxo e a

humilhação da Dona Neusa que apanhava do marido. Seu próprio choro silencioso...

Assistia ao crescimento das plantas e crianças, às mudanças nas fachadas das casas, pessoas tomando seu rumo, mais saindo do que chegando na pequena cidade. Nascimentos, casamentos, mortes. Via tudo sem muito participar ou intervir. Foi assim que viu passar diante dos seus olhos o rapaz que animava secretamente seus sonhos durante anos, acompanhado da recém-esposa. Nesse dia teve raiva dos seus olhos contemplativos e sonhadores, que consumiam sua juventude como se lhe bastassem.

Um tempo após a morte da mãe, ela remexia nas tranqueiras guardadas no sótão, o que nunca tivera permissão de fazer, quando encontrou uma velha mala de couro. Entre documentos do pai e objetos empoeirados, estava uma antiga máquina fotográfica. Kodak Retinette, ela leu, experimentou clicar e girar o filme e viu que ainda funcionava. Num contentamento de criança, passou o resto do dia e muitos dos seguintes a capturar na lente os instantes que fugiam, como quem caça borboletas. Queria agora ser dona do seu tempo. Desejava que seu olhar parisse os registros longamente gestados à janela e ao lado da mãe.

Os irmãos não entenderam nada ao ver Mariana, já meio grisalha, brincando de fotógrafo com aquela câmera velha sem filme. Juram ter pensado que enlouquecera, coitada, sempre tão apegada à falecida mãe. Quem diria que estariam hoje falando sobre ela com esses moços repórteres, que aquelas maluquices teriam valor, a ponto de render prêmios de fotografia? Por que não olharam direito para Mariana? Ela, que tanto olhava...

O retrato de pessoas

Everton Limberger



O retrato de pessoas é uma das principais e mais antigas formas de fotografia. Na Câmera Viajante, um workshop ministrado pelos professores Rogério do Amaral Ribeiro e Vera Carloto, em agosto, ensinou técnicas para fotografar pessoas com luz contínua disponível no ambiente, seja ela natural, artificial ou a união entre as duas. Além disso, os alunos aprenderam como se relacionar com o retratado, a produção e a direção do set fotográfico.

Entre os conteúdos, as propriedades da luz e seus efeitos visuais nos retratos, as medições de luz contínua com a câmera e fotômetros externos, o uso da luz solar e artificial em ambientes externos e internos, os ajustes da temperatura de cor, as objetivas fotográficas adequadas ao retrato, a logística do retrato, produção e direção de pessoas e a prática em locações com rebatedores e difusores.

O resultado deste trabalho pode ser conferido nas próximas páginas. Uma nova turma de Retratos será iniciada no dia 25 de outubro e está com as inscrições abertas. Mais informações podem ser obtidas no endereço: http://www.cameraviajante.com.br/retrato_ambiente.html

Fernanda Virmond



Ju Cazori



Luiza Limberger



Tais Schuller



Foto Mariana Bergamin



RD



Sallet Domingues



Modelos: Luiza Sansone e Pâmela Spessatto

Fabiano Scholl



A comunicação e o olhar

Por Fabiano Scholl

Tobias foi meu irmão mais novo durante sete anos. Por dividirmos o mesmo espaço cotidianamente, criamos uma cumplicidade. Suspeitava de seus movimentos, antecipava suas possíveis poses, preparava a câmera. Fiz várias fotos dele utilizando somente a luz ambiente. Essa é uma das que mais gosto. Não tanto pela técnica ou composição, que comentarei adiante. Mas por uma das características mais fortes da fotografia: a relação entre fotógrafo e fotografado, a captura de um olhar, de um momento que revela mais do que a superfície, de um contato mais profundo e duradouro. Nesses pequenos instantes (antes, durante e logo depois do clique) percebi que houve, para além de qualquer diferença de linguagem, uma comunicação e um entendimento entre dois seres diferentes.

Para uma análise da técnica dessa fotografia, busquei seus metadados. Essa imagem foi feita com uma câmera

Nikon D40X, com lente 18-55mm ajustada em 55mm. Utilizei ISO 100 (pois ele estava muito perto da janela, com uma boa iluminação), tempo de exposição de 1/250 (o que garante a nitidez e o “congelamento” da imagem) e abertura f/8 (profundidade de campo e luz equilibradas). A iluminação lateral realça a luz e a sombra, fornecendo uma aparência tridimensional ao objeto da foto, destacando também as texturas e contornos. O fundo claro destaca, por contraste, o cachorro, mais escuro, protagonista da cena.

Essa é uma foto com composição clássica. Com o auxílio da regra dos terços, percebemos que o cão ficou bem centralizado, em foco. O fundo, da direita para a esquerda, vai do claro ao escuro, cada um em seu terço.

Por conhecer seus movimentos e hábitos, esperei o momento em que ele subiria no sofá e se posicionaria dessa maneira, para então, com um pequeno chamado, registrar o seu olhar.

FotoAgosto

A repórter fotográfica Adriana Franciosi, do jornal Zero Hora, foi a convidada do FotoAgosto da Câmera Viajante. A profissional conversou sobre a cobertura fotográfica das manifestações de junho pelo País e mostrou um pouco das adversidades enfrentadas no registro dos confrontos entre manifestantes e a polícia. O evento aconteceu no dia 19 de agosto, dia Mundial da Fotografia, e reuniu alunos e fotógrafos na sede da escola.



Efêmeras esculturas

A Sala J.B. Scalco do Solar dos Câmara da Assembleia Legislativa expôs no mês de agosto o trabalho “Efêmeras Esculturas”, de José Adilson Rosa. A mostra reúne imagens obtidas por meio de técnicas de fotografia de alta velocidade e macro fotografia. O resultado é a captura de esculturas formadas pela colisão de gotas. Rosa é um dos Viajantes da Câmera e participa de passeios do turismo fotográfico.

As imagens foram realizadas com equipamento digital ajustado a uma velocidade de 1/18.000s, utilizando flashes eletrônicos e disparadores digitais, além de iluminação diferenciada, diversos líquidos, corantes e filtros que resultam na revelação de formas que o olho humano não consegue captar.



O fotógrafo e professor da Câmera Viajante, João Migual Lanita, foi o palestrante na abertura da exposição Rincão Gaia, na Fnac, em julho. Lanita comentou a produção das imagens no local construído por José Lutzenberger, em Pantano Grande.

Sioma Breitman

Os vencedores do concurso Sioma Breitman de Fotografia foram conhecidos no mês de setembro. Adriana Franciosi recebeu o primeiro lugar na categoria digital e Jorge Leão, foi o vencedor na categoria convencional. O concurso que destaca imagens da capital gaúcha em preto e branco teve como tema deste ano a “Porto Alegre: Corpo e Alma da Cidade”

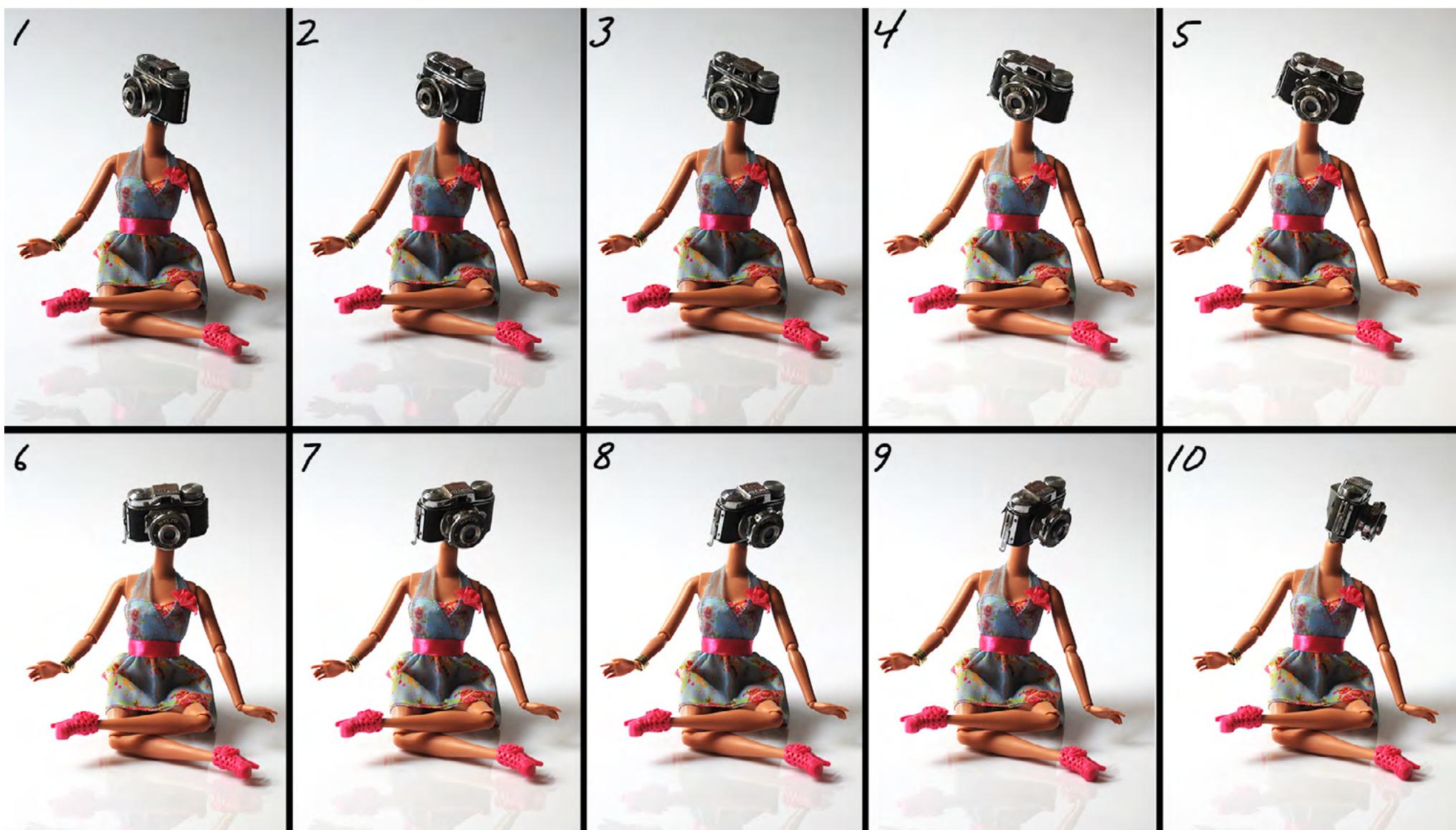
Stop Motion

Por Tiemy Saito

Cinema, imagem em movimento, uma coisa diferente se comparada com a fotografia. Diferente, porém nem tanto. Se pararmos para pensar, o cinema, teve sua origem da fotografia, ele nada mais é que uma sequência de fotos, projetadas em uma tela, e com a troca rápida dessas fotos, temos a imagem em movimento.

Quem nunca tirou uma sequência contínua de fotos de alguma pessoa andando, ou de um pássaro voando e ao rever as fotos viu que aquela sequência, passada em uma velocidade rápida, dava uma impressão (ver mais sobre isso no quadro ao lado) de movimento?

No cinema, mais especificamente na animação, há uma técnica chamada STOP MOTION que se constitui em organizar uma sequência de fotografias diferentes para criar um movimento contínuo na cena, ou seja, é com a troca rápida de uma fotografia para outra (cada foto tem uma duração de menos de um segundo) que conseguimos perceber os objetos inanimados ganhando vida. É uma técnica usada por grandes diretores. Podemos ver essa técnica em animações como Frankenweenie e A Noiva Cadáver de Tim Burton. No início da história do cinema, outro grande diretor se destacou com o uso do stop motion. George Méliès usava o stop



Falamos de impressão, pois somente percebemos imagens em movimento por causa de um fenômeno chamado Persistência Retiniana. Segundo essa teoria, o olho humano, ao captar uma imagem, leva uma fração para esquecê-la, então, quando vemos fotos sequenciais, o olho "junta" todas, dando assim a impressão da continuidade do movimento.

motion para fazer alguns dos seus efeitos especiais em seus filmes, os quais revolucionaram a arte cinematográfica.

Mas como funciona?

A animação em stop motion é uma das mais acessíveis entre todos os outros tipos de animação - se comparada com a animação 3D que necessita de computadores potentes

e de um conhecimento mínimo de programas. Para fazer um stop motion é preciso apenas: uma câmera fotográfica, um tripé, um computador com qualquer editor de vídeo (dos mais simples aos mais sofisticados), e algum personagem para animar (boneco, macinha de modelar ou até mesmo um objeto, como uma caneta). Tendo isso, escolhemos um cenário e a ação queremos que o nosso personagem faça, após isso

damos início aos movimentos. Para cada movimento diferente é uma foto nova.

Por exemplo: se quisermos movimentar a cabeça de um boneco da esquerda para a direita temos que, primeiramente, posicionar a cabeça do boneco virada toda para a esquerda, tirar uma foto, movimentar um pouco a cabeça em direção à direita e tirar outra foto (girar a cabeça bem pouco, mas num ponto em que

entre uma foto e outra possa criar a sensação de movimento - essa mudança suave, gera uma melhor animação) e assim por diante, até que a cabeça do boneco esteja totalmente virada para a direita. Para animarmos essas fotos, importamos para o editor de vídeo, colocamos elas em ordem sequencial no programa, e decidimos um tempo para cada foto aparecer. Pronto! Eis aí uma animação stop motion.

Dicas

- ✓ Planeje tudo antes de começar, faça um roteiro da história.
- ✓ Prefira fazer a animação em lugares em que se possa controlar a luz. Lembre que, como o stop motion é um conjunto de fotos, podemos criar um cenário em estúdio, e usar flashes ou luzes contínuas.
- ✓ Em geral, para criar 1 segundo de animação são necessárias 15 a 24 fotos.
- ✓ Utilize músicas e efeitos sonoros para enriquecer a animação
- ✓ Há outra técnica muito semelhante ao stop motion, em que, ao invés de objetos inanimados, se anima pessoas, o nome desta técnica é o Pixalation.
- ✓ Sempre fotografe sua animação com a câmera no sentido horizontal. É o sentido da tela ou TV em que a animação passará. Se tirarmos fotos com a câmera na vertical, serão criadas barras pretas nas laterais.

SETEMBRO

28 Fashion
Com Márcia Molina

OUTUBRO

A partir de

21 Lightroom
Com João Miguel Lanita

22 Photoshop
Com Edgar Neumann

22 HDR
Com João Miguel Lanita

25 Retratos com luz ambiente
Com Rogério do Amaral Ribeiro e Vera Carlotto

28 FotoEvento
Com Gerson Turelly e Bruno Gomes

Mensalmente

Fotografia

Fotografia Digital 1, 2 e 3 - Turmas manhã, tarde, noite, sábados e intensivo

Cinema

Cine Digital 1

NOVEMBRO

Foto PET
Fabiano Scholl

Still Life
Com João Miguel Lanita

Light Painting
Com Edgar Neumann

Turismo Fotográfico
15/11 Campos Neutrais



Gerson Turelly

Chuí, Lagoa Mirim, Santa Vitória do Palmar, Barra do Chuí

Workshop
2/11 Rincão Gaia



Rejane Piva

Fotografia Ambiental e Macrofotografia

Recomendamos!
Expedição Natureza Tocantins
Um livro de Zé Paiva



Projeto e fotografia: Zé Paiva
Textos: Adriana Dias
Preço: R\$ 100,00
Onde comprar: Câmera Viajante

Informações e inscrições www.cameraviajante.com.br



Foto Bruno Gomes / Noivos Carol e Leo

FotoEvento

Fotografia para Reportagens Sociais e Corporativas
Formaturas - Recepções - Congressos - Seminários - Aniversários - Casamentos

Próxima turma
inicia dia 28 de outubro

Informações:

051 3012-0421 / 3061-2898 / 8459-5619

ou viajante@cameraviajante.com.br

www.cameraviajante.com.br

Câmera Viajante

Curso de Fotografia,
Cinema e Design

